



DOS CAMPOS DE CACHOEIRA A BELÉM DO GRÃO PARÁ: encontro de vozes em Dalcídio Jurandir

Josebel Akel Fares

Dalcídio Jurandir, romancista brasileiro, nascido no Marajó, onde vive sua infância, é autor de uma dezena de romances, que ele intitula de Ciclo do Extremo Norte, além de **Linha do Parque** (Rio de Janeiro: Vitória, 1959), do extremo sul. Inaugura o Ciclo do Extremo Norte com a publicação de **Chove nos campos de Cachoeira** (Rio de Janeiro: Vecchi, 1941), que ainda consta de **Marajó** (Rio de Janeiro: José Olympio, 1947), **Três casas e um rio** (São Paulo: Martins, 1958), **Belém do Grão Pará** (São Paulo: Martins, 1960), **Passagem dos Inocentes** (São Paulo: Martins, 1963), **Primeira Manhã** (São Paulo: Martins, 1968), **Ponte do Galo** (São Paulo: Martins, 1971), **Os Habitantes** (Rio de Janeiro: Artenova, 1976), **Chão dos Lobos** (Rio de Janeiro: Record, 1976), **Ribanceira** (Rio de Janeiro: Record, 1978). A maioria destas obras tem edições esgotadas, excetuando-se os três primeiros, do ciclo Marajó, editados pela CEJUP.

Hoje, especialmente no Pará, há um movimento acadêmico em torno da leitura da obra de Dalcídio Jurandir, que vimos crescer no final dos anos 90 e início do século XXI. Escrevem-se teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios. Cito os estudos de Zélia Amador, Paulo Nunes, Elizabeth Vidal, Paulo Ornela, Marli Furtado, Ernani Chaves, Gunther Presler, Artur Bogéa, Silvio Holanda, Rosa Assis, Ruy Pereira. Sem deixar de lembrar trabalhos pioneiros, década de 1980, das professoras Enilda Newman Alves (defendido na PUC/RJ), Olinda Batista Assmar (da UFAC, defendido na UFRJ), e de alguns importantes críticos, entre os quais destacamos Benedito Nunes, Pedro Maligno e Wille Bolle.

Além desta produção autoral, assinalo publicações e eventos institucionais, como a re-

vista Asas da Palavra¹ e a promoção do Seminário Dalcídio Jurandir (Final da década 90 / UNAMA); o Colóquio Dalcídio Jurandir (promoção do Mestrado em Letras/ UFFA e do curso de letras/UNAMA, 2001); e a criação do Instituto Dalcídio Jurandir, junto a Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (2003). Com estes relevantes trabalhos, que agora crescem, e com a possibilidade de reedição da obra, acreditamos estarmos mais próximos de incluir Dalcídio Jurandir na cartografia literária nacional.

Este estudo divide-se em três partes:

- I. Os campos de Cachoeira: lembranças, saudades, imaginação..
- II. O tucumazeiro e o carço de tucumã: dois textos orais.
- III. Belém do Grão-Pará: um roteiro poético do Círio de Nazaré²

I

Os campos de Cachoeira: lembranças, saudades, imaginação.³

Minha infância foi roseira,
Hoje conservo em um jardim.
Me lembrou de Cachoeira, cidade rainha do Arari.
Mas que tão lindas paisagens,
e ao chegar eu percebi,
vi lindos campos verdeados,
fileiras de mangueiras a sorri.
Chove nos Campos de Cachoeira
é título do livro de Dalcídio Jurandir,
poeta que escreveu o lindo cenário,
da terra que nasceu, ô, ô, ô
Cachoeira minha terra, tanto amor, ô, ô, ô
Cachoeira de novo aqui estou
Ah, eu estou.
(Lino Ramos – letra de samba enredo)

Os romances do “ciclo do extremo norte”, de Dalcídio Jurandir, são, em parte, ambientados no Marajó, especialmente em Cachoeira do Arari, cidade da região dos campos marajoaras, entre eles estão *Chove nos campos de Cachoeira* (CCC), *Três casas e um rio* (TCR), *Marajó* (MAR), *Belém do Grão Pará* (BGP). Estes livros são leituras obrigatórias para qualquer estudioso da cultura amazônica - marajoara.

O ambiente marajoara retratado na obra de Dalcídio Jurandir, bem como seus personagens são colados em pessoas e espaços reais. Ao caminhar nos campos de Cachoeira e conviver com a população da cidade desvela-se uma nova leitura do fingimento poético do autor. A ação promove entendimentos de significados ausentes, a partir do espaço e, muito especialmente, dos discursos construídos pela voz, pois, frequentemente, depara-se com rastros da passagem do escritor, e com um coro de vozes-narradoras a reconstruir territórios, a memória das personagens, passagens dos romances. Jamais tive a real dimensão do que representava o autor para o espaço marajoara. Para usar uma expressão de Paul Zumthor, ele é letra e é voz, e, acrescento, também imagem.

¹ Publicação semestral, que a cada número estuda a obra de um escritor da literatura de expressão amazônica. O número 4, 1996, foi dedicada ao escritor marajoara. A revista é editada pela coordenação do curso de letras da UNAMA, já completou 10 anos, com 20 números.

² Devido a questão de espaço da revista, não será possível apresentar esta parte do estudo.

³ Este texto registra alguns aspectos do que se conta sobre Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari, local onde desenvolvi minha pesquisa de campo de doutoramento. A tese “Cartografias Marajoaras: cultura, oralidade, comunicação”, orientada pela profa. Jerusa Pires Ferreira, foi defendida em maio 2003, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em Cachoeira, onde o autor viveu parte da infância, as pessoas o conhecem de nome ou foram seus contemporâneos. Poucos leram sua obra⁴, todavia há toda uma construção imaginária, difundida a partir da realidade literária oral, ou seja, daquilo que ouviram falar dos romances. Agendo-me para um encontro com a cidade-Dalcídio: guardo-me para conhecer os resquícios da passagem do escritor, para ouvir o que se conta, para visitar cenas, para conversar com os parentes remanescentes e com os amigos de infância. Entre os narradores ouvidos estão Raimunda Cunha Paiva⁵, Ivete Paiva⁶ e Lino Ramos⁷, estas vozes me dirigem no tecido deste texto. Lino é meu cicerone.

A cidade, a casa.

Situada num tesoro entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na ilha de Marajó, vivia de primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos aqui e ali, porcos magros no manival miúdo e cobras no oco dos paus sabrecados. O rio, estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelo e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara. Na parte mais baixa da vila, uma rua beirando o rio, morava num chalé de quatro janelas o major da Guarda Nacional, Alberto Coimbra, secretário da Intendência Municipal de Cachoeira, adjunto do promotor público da Comarca e conselheiro do Ensino (TCR, p.5)

Em uma rua larga de chão batido, no bairro de Petrópolis, fazemos, eu e Lino, a primeira parada na caminhada pela cidade-Dalcídio. A casa apontada como moradia do escritor é uma construção humilde, de madeira, com telhado em duas águas, cinco cômodos, sem a imponência do chalé de quatro janelas do Major Alberto e Dona Amélia, construído imaginariamente, a partir de descrições das duas obras ambientada em Cachoeira do Arari. Ela guarda, entretanto, em seu interior semelhanças com a morada da ficção:



A um canto da varanda, nome que se dá no Extremo Norte às salas de jantar, major Alberto, major também de muitas artes, instalara a tipografia. A sua rede de sesta era na pequena sala onde passava horas se embalando, a ler catálogos ou a contemplar as duas estantes de ciência popular em edições portuguesas, gramáticas e dicionários. No bárbaro guarda-louça, ganho na rifa, e atulhando a despensa, Major guardava os poucos instrumentos de sua arte de fogueteiro e fabricante de sabão. Havia um único quarto, cruzado de redes à noite e com um modesto oratório esperando a sempre tão encomendada e nunca chegada imagem de Santa Rita de Cássia, devoção do Major. Via-se, no corredor, o lavatório onde não apenas se lavavam mãos e rostos, mas chapas, rolos, vidros de candeeiro, utensílios, formas de foguearia e de saboaria. (TCR, p.5)

⁴ Durante entrevista com D. Raimunda, que falava sobre a presença do pai como personagem de Dalcídio, lhe perguntei sobre a possibilidade de outros personagens, além do que já relatara, respondeu; " eu não sei porque não li os livros, né?"

⁵ Cachoeirense, conheceu Dalcídio Jurandir na infância, ao apresentar-se explica "tenho 75 anos , eu sou de 24 , do dia 13 de novembro de 24".

⁶ Professora, filha da D. Raimunda, 49anos (em 2001).

⁷ Professor, produtor cultural, sou primo legítimo do grande escritor paraense, marajoara.

O texto oral ouvido ali traz-me cenas de infâncias vividas em áreas rurais da Amazônia evocadas pelos relatos do esconder-se ou do correr em busca das "criações domésticas", sob as tábuas do assoalho. Era-me familiar andar debaixo da casa atrás não só dos bichos de penas, como montada em carneiros. Estes serviam de "cavalos de caubói", e, muitas vezes, ficava-se entalado ou batia-se a cabeça no soalho, de pequena altura. Os parentes do escritor, moradores da casa, explicam-me que era ali, debaixo da casa⁸, que Dalcídio-Alfredo fugia do mundo com o seu caroço de tucumã, corria atrás das galinhas.



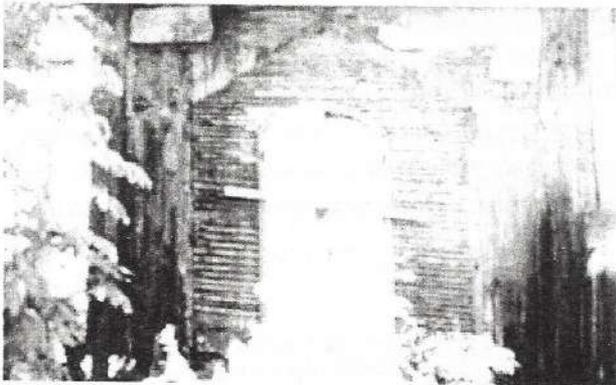
Ainda vejo um pequeno buraco no chão da varanda e sou levada pelas vozes - narradoras a cenas em que o protagonista real-ficcional, na cheia, pescava por uma fresta no assoalho.

A fenda tinha calculadamente menos de um dedo de comprimento por meio polegar de largura. Alfredo enfiava a linha geralmente com um anzol novo. Por isso mesmo parecia mais perigoso aos dedos e mortal para os peixes. O menino esperava o sinal da isca de carne e pão. (TCR, p.8)

Ao apanhá-lo, como passá-lo pela fenda, mesmo que fosse tão pequeno como um peixe matupiri? Por ali só era possível peixinhos que saltavam reluzente no soalho. Se Mariinha, dentro de seu camisão, cabelo no rosto, espreitava da porta do quarto, lá corria em socorro, chamando-os de filinhos, a indagar porque não choravam e cadê suas mães etc.(p.9)

Alfredo fisgara um peixe, talvez sardinha, que bateu de encontro ao soalho. Teimosamente, ao querer ver o peixe passar pelo buraquinho partia-lhe a cabeça, rogando pragas. Afinal rompe-se a linha, o anzol perdido...

Enfiava agora a linha, sem anzol, com um miolo de pão amarrado na ponta e sentia-se puxando de cima para o rio que o espreitava lá de baixo. A linha comprida ia embora, fugia pelo quintal. Na imaginação de Alfredo, corria pelas marés, redemoinhos e lagos, levada por um peixe ou visagem de criança apanhada pelos sucurijus(p.17).

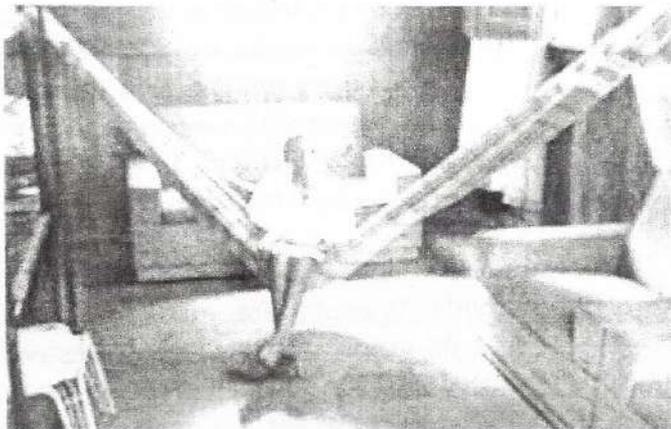


⁸ As casas são construídas com, no mínimo, um metro acima do terreno, devido à temporada alagada. Em alguns lugares da região, como Jenipapo, elas são muito mais altas. Giovanni Gallo as chama de "casas caneludas".

Andamos mais um pouco. Lino mostra duas casas antigas, uma em ruínas e outra onde, talvez, tivesse funcionado a intendência, e sugere a possibilidade de serem as casas-título do “Três casas e um rio”.

Ele conta de uma ponte que ali passava, chamada Ponte do Galo, referindo-se ao romance homônimo. Na primeira parte dessa obra, o narrador refere-se repetidas vezes a um trapiche em frente da cidade, mas não o dá nome, e, em algumas partes, chama de ponte.

Sentou na ponte, pés pendurados sobre o rio. Aquela vez, certa menina correndo a beirada, subiu pelo esteio desta ponte, como um lagarto. [...] Ele desceu a escada e avistou: no casco do Didico aquele menino pescando. Me pega aqui na beira Alfredinho (PG, 35).



Entre as conversas e as caminhadas pelo município marajoara, entramos na casa de D. Raimunda da Cunha Paiva, acompanhados da filha, Ivete Paiva.

A senhora que se embala numa rede, conta sobre a paisagem natural, as enchentes, os afogados, de antigamente.

Aqui era um lugar que não tinha muitas casas, num era Lino? Tinha uma casa aqui, uma casa ali, mas era muito mais... como é que a gente diz? Era muito mais, muito mais... deserto. Ah! Enchia muito, a casa lá enchia. Morreu uma filha... do pai dele, morreu uma filha do pai dele afogada, pai do Dalcídio..., no quintal de lá. Enchia tudo...

Ivete ratifica, complementa as narrativas da mãe e saudosa sonha com a velha Cachoeira, que ela preferia a atual:

Enchia tudo, a gente andava nas canoinhas. Lá, tinha uma ponte grandona, aí a água passava por debaixo, o pessoal pra ir lá pra cima tinha que vir na canoinha até lá na igreja. Esses postes eram tudo pra esse lado, no meio da rua. Mas Cachoeira, num tempo que era mais atrasada, achava melhor do que agora, porque existia campo de futebol, tinha o Arari, o Cachoeirense, que era bacana, a gente ia pra lá, era tudo bem organizado, e agora fica mais... Pois é, Cachoeira já foi muito bom, já foi melhor, que eu que agora [...] É, tinha uma ponte aí pra trás bonita, né? A gente brincava, tomava banho, de lá de trás, se jogava de lá de trás. Essa casa hoje é da Edite, mas era do Viloca, né? Eu ainda cheguei a conhecer essas casas. Tinha uma bem aqui, tinha uma mangueira bonita, bem aqui defronte. Tem vez que eu me lembro, eu sonho, eram umas manguinhas assim. Se lembra, mamãe? Era aqui da casa do Dr. Rui, era bacana, tinha quintal aqui, tem até negócio de criação, que ela criava aqueles patos, n'era? Muito bacana, tem vez que eu me lembro, eu sonho com essas ..., com as coisas boas que a gente teve aqui.

A mãe arremata saudosa: *Mas, no tempo do Dalcídio, era muito melhor, era muito melhor.*

O autor e a família:

Lino Ramos, como primo do autor, guarda uma série de informações vividas ou repassadas pelos seus pais. Ele apresenta os dados biográficos do escritor, conta do cárcere por suas convicções políticas, suas influências e a gênese dos seus romances:

Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedra em 1902 e mudou-se pra Cachoeira em 1910. A mãe dele, Margarida Ramos, era irmã do meu pai, José Ramos. Ela veio pra cá pra Cachoeira

do Arari, casada com o capitão Alfredo, que foi intendente em Cachoeira do Arari e o Dalcídio ficou aqui até uma média de 15 anos de idade, depois foi pra Belém continuar os estudos e de lá começou a idéia de escrever. Ele começou a escrever o livro dele, quando ele foi preso. Ele era esquerdista, foi preso, e, inspirado num livro de Jorge Amado, que ele leu dentro da cadeia, ele começou a escrever o Chove nos campos de Cachoeira.

A correspondência que Dalcídio mantinha com a família perdeu-se, mas os laços afetivos com “tio José” são mantidos na memória do primo, que também informa sobre os cargos administrativos que o autor assume ao voltar do Rio de Janeiro:

Ele era muito ligado no meu pai. Quando ele foi embora pro Rio de Janeiro, ele escrevia muitas cartas pro meu pai, muitas cartas. As cartas que ele escrevia pro papai, então, era tio José, que ele chamava pro papai. Essas cartas, eu doei tudo pro Museu do Marajó, umas estavam já estragadas, o Gallo xerocou e guardou a original. Num sei se ele vai lembrar onde está, mas deve ter cópia. Tem fotografias dele.[...] Ele foi secretário aqui em Muaná e em várias outras localidades, como em Soure. Ele teve cargos, ele teve muitas funções, trabalhou no Diário do Pará, se não me engano.

D. Raimunda conta dos tempos de infância. As referências misturam a vida do escritor com a própria vida da contadora, que “era mocinha na época dele”. Ela comenta sobre os irmãos e os pais do autor, das relações desses com seu pai, revive a Cachoeira de outrora, cenário romanceado.

Sobre Dalcídio? Ele era moreno, num era muito alto, o mais alto era o Ritacino [irmão do escritor]. Tu conhecestes ele, Lino? Pois é, ele era moreno, baixo, num era muito escuro não, moreno claro, simpático. [...] Ele morava ali. Meu pai era ajudante dele lá. Ele era escritor. Ele era um cara legal, né? Deus o livre... Tinha muita coisa aqui, na cidade, feita por ele. Escreveu o livro “Chove nos Campos de Cachoeira”. Tu tem, não? [pergunta a Lino].

Da família do escritor, D.Raimunda, saudosa, avisa: “Eu conheci todos os irmãos dele, Ritacinho é médico, tá no Rio, né?”. Pergunto se ela sabe quem ainda está vivo. E ela me responde que são “o Tacinho, a Fifi e a Lindinha”, mas Lino contesta e informa que

a Lindinha já morreu, morreu ano passado, se não me engano [...]. Quando a Fifi veio em Belém, mandou me chamar, que teve um almoço lá na casa da Nazaré, foi reunião de família lá, que ela queria ver o pessoal. Ela contou que a Lindinha tinha morrido.

A partida dessas pessoas, que pertenceram à infância e à adolescência de D. Raimunda, a comove, mas ela acompanha o estudo, a profissão, as viagens da família Pereira.

Lembro quando foram embora... Eles moraram em Belém, daí eles foram para o Rio. Quer dizer, o Ritacinho foi logo, foi o primeiro a ir para o Rio, ele pouco durou aí, em Belém. Ele foi logo para o Rio, já era formado, Ritacinho, quando ele foi daqui, já era formado. Ainda teve em Belém, dando umas consultas, daí ele foi para o Rio.

Sobre a relação D. Margarida e capitão Alfredo, pais de Dalcídio, comenta a intérprete, retirando do acervo memorial:

A mãe dele morou ali, muitos anos. Meu pai que lidava com ela. Quando ela bebia, meu pai que levava ela carregada, era meu pai que levava ela carregada. Mas não era todo dia também, que ela bebia, ela tinha os dia de beber. O capitão Alfredo, pai dele, o marido, ficava zangado com

ela, mas não era de tá brigando, ele se aborrecia, chamava atenção, mas eles eram muito unido, muito unido. Capitão Alfredo e ela era Dona Margarida Ramos.

A amiga da família do escritor se espanta e lamenta ao saber que o escritor já havia morrido e repete sobre a importância dele e dos livros escritos por ele para a cidade.

Personagens, na voz e na letra.

Francisco Costa narra a presença dos tios Mundico como Didico, Lindolfo como Rodolfo e Ezequiel como Ezequias, personagens de "Chove...".

Didico, o tocador de pistão, amo do boi Caprichoso, Rodolfo, o tipógrafo e oficial de justiça, Ezequias, comerciante, assombrado com a sífilis e a guerra, campeão de damas na vila que lia o jornal novo chegado de Belém. Eram os três irmãos falados de Cachoeira. (p.119)

Dona Raimunda, filha de Lindolfo Paiva, depõe a presença do pai em Chove e explica as correlações entre personagem real e ficcional.

Fala do meu pai lá, Lindolfo Paiva [...] A redação era ali na casa donde ..., na casa que ele morava, lá que tinha as máquinas de datilografia, tipografia. Fazia o jornalzinho, era. Meu pai era ajudante de lá. Era quem lidava com a máquina [...] Fabiano Pereira, irmão dele, era ele que era o dono do jornal. Eu sei, que meu pai trabalhava lá, na tipografia com ele. No jornal, ele quem vendia o jornal, era meu pai, espalhava o jornal na cidade. O tipógrafo era o Dalcídio mesmo.

Ao falar da obra literária de Dalcídio, Lino explica que as personagens desse romance são reais e dali mesmo de Cachoeira. Ele defende que o escritor apenas troca os nomes das pessoas pelas personagens ficcionais: Dona Amélia seria a mãe dele, que era negra e alcoólatra, como na ficção.

Era minha tia, a tia Margarida que por sinal, ela morreu alcoólatra. O major era o capitão Alfredo, o pai dele. Tinha a Andreza, que morreu há uns cinco anos, mais ou menos, atrás. A Andreza era uma pessoa que ele citava muito no livro dele.

Andreza é a menina-amiga de Alfredo na ficção. Em "Três casas...", a garota reaparece e depois de uma brincadeira com Alfredo, se apresenta:

- Mas tu não me conheces? Quando eu vim na tua casa, faz muito tempo. Tu te lembra? Estavas cego. Não me viste. Por isso tu não te lembra. Fui-me embora para essas fazendas daí de cima. Agora voltei a morar de vez em Cachoeira com um meu tio. Não tenho pai nem mãe. Morreram. Mataram meu pai. Vi um irmão morrer. O outro, deste tamanho assim, levaram. Algum irmão teu já morreu? E tu, nunca saíste daqui? [...]

- Cego, te lembra de mim. Cego. Sou a Andreza, cego (TCR, 148/9)

Sobre a morte de Andreza, a imprensa de Belém noticia:

Morreu ontem, em Cachoeira do Arari, Andreza Gomes da Gama. Os leitores de Dalcídio Jurandir a conhecem melhor, com ela tendo convivido nas páginas dos primeiros romances do escritor paraense, lembranças de Cachoeira do Arari fortemente marcadas por Andreza. Andreza morreu aos 101 anos. Continuava a ser uma cozinheira de mão cheia, não usava óculos, nem para costurar ou tricotar, e mantinha-se lúcida, com a lembrança perfeita do menino e adolescente, que se tornou homem feito, o romancista da sua Cachoeira (Liberal.13/03/93 – 1º. caderno, p.3)⁹

⁹ in Asas da Palavra –v.3, no. 4. Belém: Unama, 1996.

Pergunto ao entrevistado sobre a irmã da personagem Alfredo, que morre ainda pequena. Lino confirma que o autor teve uma irmã e que, ainda criança, morreu afogada num poço. Mais uma vez, a ficção acompanha a realidade.

D. Amélia estreitou a filha em seus braços, sacudindo a cabeça que "não, não". Alfredo escancarou a porta e deu um grito. Major Alberto surgiu com os fascículos na mão e Marcelina saiu correndo para comprar uma vela. A vaca urrava no quintal. Major curvou-se sobre a filha, tentando pegar-lhe o braquinho(...) Viu-a só, com um negror pálido, majestosa, à cabeceira daquele caixão branco, como uma fada negra que, com um gesto, poderia levantar daquele berço de rosas e violetas, a adormecida menina. (TCR, pp.200 e 201)

Muitas outras semelhanças entre vida e obra, realidade e ficção, são apontadas nas entrevistas e nas caminhadas por Cachoeira do Arari. E, mesmo que não seja através da leitura dos romances, os moradores reconhecem a importância de Dalcídio Jurandir. Ivete Paiva conclui a entrevista, dizendo que

apesar de não ter conhecido o escritor, sei que ele era importante aqui, né? Que todo mundo fala. [...] todo mundo que vem aqui, quer saber da história dele. Ainda tem aquela casa, que todo mundo que vem, tira foto e tinham dois rapazes filmando ela.

II

O tucumanzeiro e o caroço de tucumã: apresentação de dois textos (não mais) orais

Assim dá um encanto maior, a varinha mágica, a varinha de condão que as fadas invejariam.

Os meninos do mundo inteiro não conhecem o carocinho de tucumã de Alfredo.

As fadas morreram, o encanto vem dos tucumanzeiros da Amazônia.

O carocinho tem a magia, sabe dar o universo a Alfredo.

Tem um poder maior que os três Deuses reunidos.

(Jurandir, 1998:374).

Em Retiro Grande, localidade rural, pertencente ao município de Cachoeira do Arari, outra vez, Dalcídio Jurandir sussurra-me. O caroço de tucumã, tão peculiar o território, é objeto mágico da personagem Alfredo¹⁰ e também das crianças daquela localidade. Tiro dos olhos do menino Isaac¹¹ a emoção do convívio. A crônica oral é forte, proferida num só grande fôlego, após trinta anos de ausência do menino dos campos marajoaras.

E ao chegar em casa, o nosso trabalho, era ajudar nossos pais, como eu falei. A mamãe tinha muita criação, muita galinha, porco, pato, ela tinha muito, e a gente tinha um compromisso de manhã. Se a gente fosse estudar de tarde, ou quando chegasse do colégio, tínhamos o compromisso de quebrar os caroços, no verão. No inverno, a gente fazia o seguinte, ajuntava os caroços, ou o tucumã, a gente fazia aquele processo de com uma faca cortar, a massa de cima e picotar tudinho assim, a ponto que a galinha pudesse comer e os porcos também comiam e patos e etc. E depois, aquele caroço assim, totalmente descascado, liso por fora, a gente depositava dentro de uma caixa que já estava pronto, esperando o verão. No verão, aquele caroço seca e a amêndoa que está dentro, ela solta da casca, ela fica solta, a

¹⁰ Personagem recorrente na obra de Dalcídio Jurandir, que, como o autor, nasce e passa a infância no Marajó. Alfredo é considerado uma espécie de alter ego do escritor.

¹¹ Regina Portal, minha guia nos caminhos de Retiro Grande, apresenta-me às autoridades da igreja a qual pertence. Não tenho a intenção de entrevistar o pastor, nem de me demorar na visita de passagem. Observo a simplicidade da moradia e então uma conversa rápida sobre viagem, naturalidade, ofícios. Ele passara parte da infância em Retiro Grande, onde o pai também fora pastor. Meu interesse aumenta, quando me conta sobre a natureza da paisagem dos tucumãs. Ligo o gravador.

gente vai para um cepo, uma marreta de pau ou de ferro mesmo, e quebrava aquele caroço. Aquela massa de dentro, justamente, a gente quebrava miudinho, pra dar pra pinto, pra galinha, e quebrava também pra porco. Era um alimento muito importante, inclusive as criações eram gordas, robustas e os porcos também, era uma coisa muito importante, é um alimento muito sólido, muito importante que existe aqui no Marajó, nesta região, para os animais. E, até hoje, depois de uns 30 anos, eu não vejo já essa consumição para os animais. Eu num vejo mais, num querem mais ter o trabalho, tem o farelo, outras coisas aí, né? (...)

Me lembro, daquela época, ainda também, das minhas pescas, dos meus momentos que fui pescar no rio Quió, que fica defronte aqui à casa pastoral e eu, muitas vezes, eu fui pescar neste rio. Gostava, e até hoje eu gosto, do ofício de pescar, quando eu tenho chance, eu gosto, é uma distração, é uma coisa boa, é um lazer que a gente pode exercer, executar, praticar. Então, naquela ocasião, eu ia no mato, juntava o caroço de tucumã. E o caroço de tucumã, ele passa por vários processos. Depois que ele cai da árvore, aquele que fica embaixo da árvore, o porco come a massa de cima. Aqueles caroços que ficam ali, se ele num ficar muito exposto ao sol, certo?, ainda tem esse processo também. Que o caroço que fica exposto ao sol, ele num cria isto, entendeu? Tem que ficar na sombra. Então, ele fica úmido, nem molhado, nem quente demais, é uma temperatura, digamos, normal, bem importante. Aí, ele cria dentro dele, é o processo da natureza, ele cria dentro dele um animalzinho, chama o bicho do caroço do tucumã. Eu vi, muitas vezes, isso, porque eu quebrei muitos caroços. A gente ia, tirava. Antes dele criar esse bicho, ele cria uma massa, que dá acesso a uma arvorezinha, uma nova árvore de tucumanzeiro, é aquela massa tão gostosa que a gente come.

[Existia até, professora., uma história, eu não sei se era verdade, ou se deixa de ser, que a massa do caroço de tucumã, prejudicava o cérebro de nós, estudantes. Quem comia, porque a gente comia, e as professoras recomendavam: 'não comam amêndoa do caroço de tucumã, porque o menino que come, a pessoa que come, fica rude'. Eu fiquei com essa, eu não sei se é verdade ou não, mas eu fiquei com esse negócio. Então, eu dizia: 'é por isso que eu sou meio rude pra matemática, na sabatina'. Mas é tipo uma lenda, um negócio assim].

Então, o caroço de tucumã, ele tem esses processos. Depois, ele vai, ele tem um buraquinho que cabe assim um alfinete, a gente vê muito claramente. Aquele caroço bem limpinho, agente vê aquele buraquinho. Aí a gente pega aquele caroço, põe dentro do panelo, traz pra casa, quebra ele. Dentro dele, tem um bicho, chamado o bicho do caroço de tucumã, que a gente chama. E quando ele está em processo de crescimento, de formação, a gente vai encontrar uns bichinhos, bem pequenino, outros maiores, conforme a época que a gente quebrar ele. Aí, ele está lá dentro, a gente tirava aquele bichinho, colocava numa vasilha, numa cuia, pegava o caníço da gente e se rumava pro Quió, pro rio pra ir pescar. Pegava de manhã, assim cedo, a gente ia pescar e eu me lembro, muitas vezes, que eu peguei muitos peixes, traíra, jiju, peguei muitos peixes nesse rio, com meus nove, dez anos de idade, eu fiz muito isso e peguei muitos peixes. (...)

Nós tínhamos esse trabalho de alimentar os animais, com esses ingredientes. E, também, um fato importante do bicho do caroço de tucumã, é que quando eu vinha da pesca, a gente não utilizava todos os bichinhos do caroço de tucumã, sobrava. E, também, com o calor do sol, no caso, ele é fragilzinho, ele morre com facilidade, a duração dele é pouco. Ele é protegido por um pozinho dentro do caroço, ele é bem amparadozinho, é bem bonito mesmo aquele processo. Então, na pesca da gente sempre sobrava uma porção. A gente pegava trazia pra casa tudo, trazia o peixe, o restante do bicho (...) E, assim, a gente fritava aquele bichinho do caroço de tucumã, ele é muito oleoso, ele tem um óleo, e depois de frito, ele fica tipo um torrês, do toicinho de porco, fica assim, igualzinho um torrês, a gente comia aquele torrês do bichinho do caroço de tucumã. E o óleo, a gente fritava o peixe com o próprio óleo do caroço de tucumã. E tudo isso eu vi aqui no Marajó. Então, eu ainda tô com vontade de fazer isso de novo, que

ainda não fiz depois, eu saí daqui com 10 anos.[...] Então, estou a nove meses e estou com vontade de numa hora vaga, que eu ainda não tive, pegar o bicho do caroço do tucumã, quero experimentar, porque eles continuam essa prática aqui. (...) Então, eu quero fazer pra saber como é que está. É quero voltar a emoção!

O tucumã alimenta o real e o imaginário. A polpa e a amêndoa do fruto são comestíveis, o vinho é o ingrediente principal da canhapira, que na culinária regional é marca da cultura marajoara. Lino oferece a receita: um misto de herança afro indígena.

Mais forte na cultura daqui é o tipo de alimentação, que tem muito a ver com o índio, muito indígena. Vamos dizer, o próprio açaí, que apesar de não ser só do Marajó, o açaí tem muito a ver; o tucumã, a macaxeira, o próprio peixe, que eu era uma alimentação básica do índio também. Então, essas coisas [...] Na época, dá muito tucumã, é só tucumã. E, aqui é a única cidade do estado do Pará e do Marajó, que se come a canhapira, uma comida feita com o vinho do tucumã. A canhapira leva os mesmos ingredientes, que se coloca numa feijoada, ou numa maniçoba. Pega-se o tucumã, de preferência bem envelhecido, já com aquele fungo, soca ele no pilão, bem socado, tira aquele bagaço todo, cõa na peneira, tira o vinho bem grosso, põe pra ferver com o sal e uma pedra de carvão, para não azedar. Depois, você pega a comida em si - charque, porco, carne seca, tudo, bucho com tudo - refoga com todos os temperos e põe lá dentro pra apurar. Aí você come uma feijoada ou uma maniçoba. Canhapira é do negro, mas o índio também comia o vinho do tucumã. O tucumã é indígena.

O bicho criado no fruto é isca para trazer o peixe e se extrai um óleo para a fritura e para sarar males físicos, o caroço de tucumã é mágico, transporta para lugares do desejo. A paisagem dos tucumanzeiros também constrói histórias exemplares para explicar tabus e interdições culturais antigos, e embaixo de seus galhos transcorre-se o tempo genésico O aedo é Antônio da Silva Judá, o tio Dada:

Olha, a minha finada mãe, barriguda daquele meu irmão, eu acho, que ele estava com uns oito anos, por aí. A senhora acredita que nós, ninguém sabia por onde era que moleque nascia, nada.

Eu perguntava: 'mamãe, por onde nasce o maninho?'

Ela dizia: 'olha, meu filho, ele nasce no galho daquele tucumanzeiro'.

Tinha um tucumanzeiro bonito lá, e tinha um pau assim deitado, um galho.

E ela dizia: 'vão esperar lá com o paneiro'

E a gente ia pra lá, sentava lá.

Mamãe dizia: 'meu filho, saia do sol'.

Nós dizia: 'não mamãe, nós quer ver o maninho'.

E lá nós ficávamos.

Ela chamava: 'ainda num é hora'.

Quando era de manhã: 'mamãe, e o mano?'

- 'Inda num veio, vão lá pro tucumanzeiro'.

E lá nós ia pra lá. Quando foi uma noite, ela teve. Aí amanheceu, ele estava do lado dela:

- 'ah, vocês nem viram, o mano de vocês nascerem do tucumanzeiro'.

Hoje em dia, deste tamaninho assim, se já sabe de tudo. Eu fico besta de ver".

